

Padrões normativos de gênero em livros infanto-juvenis sobre educação sexual

Amanda Guedes de Oliveira¹

Marcela Pastana²

Ana Cláudia Bortolozzi Maia³
UNESP Bauru, UNESP Araraquara

Resumo: O conceito de gênero é relacional, problematiza a superação do determinismo biológico e tem raízes históricas e culturais indo além das diferenças anatômicas entre homens e mulheres. Esta pesquisa documental investigou padrões de sexualidade e gênero em livros de educação sexual infanto-juvenis. Foram analisados 10 livros, selecionados em sites de livrarias. Tanto o conteúdo dos livros como suas ilustrações mostram: 1) visão estereotipada e naturalizada da feminilidade e masculinidade, 2) padrões de famílias tradicionais e patriarcais, 3) noção romantizada de casamento e reprodução, 4) estereótipos de beleza e do corpo “normal”. Conclui-se que os livros de educação sexual infanto-juvenis reproduzem padrões normativos podendo estimular uma educação sexista não devendo ser utilizados em trabalhos de educação sexual sem reflexão crítica.

Palavras-chave: sexualidade; gênero; educação sexual; livros.

¹ UNESP Bauru, telefone: 14 9734 4356, e-mail: psi_amanda@yahoo.com.br

² UNESP Araraquara, Programa de Pós-graduação em Educação Escolar, telefone: 14 9709 6957, e-mail: marcelapas@gmail.com

³ UNESP Bauru, telefone: 14 3103 6087, e-mail: bortolozzimaia@uol.com.br

Introdução

A dicotomia entre masculino e feminino muitas vezes é referência para justificar e naturalizar divisões e desigualdades. Neste sentido, é importante partir da compreensão do conceito de gênero como a condição social pela qual somos identificados como homem ou mulher. O que baseia essa condição não são propriamente as características sexuais, mas a forma como elas são representadas e valorizadas socialmente em um dado momento histórico. O conceito de gênero é, assim, uma ferramenta analítica e política que partiu da necessidade de superar o determinismo biológico, destacando o seu caráter relacional (Louro, 2003).

É importante que a naturalização das relações de gênero seja reconhecida e problematizada pelas práticas pedagógicas. É visível como o fato de ser menino ou menina delimita as possibilidades de quais comportamentos e atividades são “desejáveis” e “apropriados”. Dentre os comportamentos que se espera das meninas estão àqueles relacionados às características como timidez, recato, fragilidade, emotividade, suavidade, sentimentalidade, afetividade, romantismo, dependência, passividade, delicadeza, vaidade etc. Devem estar sempre limpinhas, perfumadas e artificialmente enfeitadas, sob a pena de que, se não for assim, não serão amadas (Whitaker, 1995).

Na educação sexista, há uma expectativa de que as meninas para que se casem e tenham filhos, assim, grande parte das atividades lúdicas estão relacionadas à família, à maternidade e à vida doméstica. Já dos meninos, espera-se atitudes de agressividade, audácia, conquista, segurança, rudeza, frieza, intelectualidade, racionalidade, autoridade, força, independência etc., com uma série de comportamentos e interesses limitados sob a ameaça de “não faça isso porque é coisa de menina”, estando as brincadeiras muitas vezes restritas àquelas que incluem agressividade e violência (Felipe; Bello, 2009; Guerra, 2005; Maia, 2005; Whitaker, 1995; Woolf, 2006).

A internalização sobre o que é considerado desejável e adequado ou não para cada gênero começa na terna infância. É comum, quando criança, que determinadas coisas sejam consideradas de “menino” e outras sejam de “menina”. Desde a gestação há a separação, por exemplo, de que azul é de menino e rosa de menina, que brincar de luta é para meninos, e brincar de boneca, para meninas. No decorrer do desenvolvimento tais divisões continuam e é de menino ser “durão” e de menina ser “delicada”. Homem não chora e mulher fala demais. Mulher é detalhista e homem tem noção de espaço (Maia & Maia, 2009; Whitaker, 1995). Entretanto, pode-se considerar inúmeras formas de comportamentos, preferências e maneiras de agir que vão além da divisão estereotipada de coisas que seriam exclusivamente de homens ou de mulheres.

Assim, a definição gênero perpassa por um apanhado histórico e cultural, sendo um fenômeno socialmente construído que extrapolam as explicações mecânicas para as diferenças anatômicas entre homens e mulheres (Louro, 2003).

A norma biologicista parte da separação entre masculino e feminino a partir da lógica heteronormativa. A heteronormatividade consiste na compreensão de que a heterossexualidade é a única forma “normal”, “correta”, “saudável” e “desejável” de se viver a sexualidade, de forma que tudo que dela se difira passa a ser considerado como “desviante”, “anormal” e “anti-natural” (Louro, 2009). Os padrões de gênero e a heteronormatividade são reproduzidos e reiterados pelas mais diversas instâncias da sociedade: a família, a escola, as instituições, os meios de comunicação etc.

Pais, mães e todos/as que se relacionam com a criança apresentam um comportamento que reforça (ou que constrói) as características sociais esperadas para aquele “sexo/gênero”. Trata-se de todo um conjunto de aspectos diversos como atitudes, linguagem, vestimentas, brinquedos, que, uma vez expressados no comportamento dos adultos, familiares e da sociedade, de um modo geral, contribuirão para a definição de uma identidade subjetiva a ser incorporada por aquela pessoa. (Furlani, 2005, p. 51)

Os diversos artefatos culturais como brinquedos, filmes, músicas e, também os livros infanto-juvenis, que serão analisados no presente trabalho, além de proporcionar entretenimento e distração, também podem ser poderosos instrumentos para transmitir padrões, com discursos que muitas vezes reiteram e reafirmam a questão de gênero como natural e a heteronormatividade como modelo a ser seguido. Segundo Guerra (2005, p.70), estes artefatos:

. . . não podem ser vistos somente como diversão e prazer, mas merecem ser olhadas de forma crítica, pois fazem parte do cotidiano das crianças e estão atravessadas por definições de condutas, de comportamentos e de sentimentos considerados adequados socialmente para meninos e meninas, contribuindo na constituição das identidades de gêneros e sexuais. (Guerra, 2005, p. 70).

Facco (2009), Felipe (2006), Furlani (2005) e Pires (2009) também destacam o quanto é importante discutir e problematizar a forma como os livros são trabalhados nas escolas. Muitas vezes as histórias e imagens reiteram modelos normativos, ensinam e prescrevem modos de agir, como no caso dos padrões de gênero. Pires (2009), em análise realizada sobre livros infantis, exemplifica:

. . . o masculino e o feminino são representados na maior parte das imagens de *uma* única forma, mostrando, de maneira geral, o homem como energético, forte, racional, ousado, atrevido e a mulher como passiva, frágil, sentimental, doméstica e comportada. Essa forma de referir-se à mulher pode ser vista principalmente na representação visual das mães, pois elas são talhadas como exemplos de proteção, carinho e ternura. Comumente é associada a imagens femininas uma idéia leve, suave, meiga, comportada, como o tipo ideal de feminilidade. . . . (Pires, 2009, p. 168).

Pires (2009) investigou como são representadas as relações amorosas românticas presentes em textos de literatura infantil contemporânea, através da análise de dezessete livros. Considerando que as representações de amor e casamento assim como as configurações relacionais e familiares passam por constantes transformações em nossa sociedade, buscou analisar de que forma essas transformações são representadas ou invisibilizadas pela literatura infantil, identificando também como são representadas as relações de gênero.

Em análise sobre as representações de gênero e sexualidade e relações afetivo-sexuais nos livros de Educação Sexual voltados para o público infantil, Jane Felipe (2006) destacou como há um forte apelo ao ideal de felicidade e completude na relação amorosa, ideal atrelado a um modelo de família- heterossexual, branca, de classe média, cristã- e também de amor romântico, em especial por parte das mulheres, de forma que a realização amorosa é colocada como essencial para a constituição da identidade feminina. A autora concluiu também o

quanto as explicações se reduzem muitas vezes às descrições biológicas e fisiológicas, sem haver espaço para a reflexão e a problematização das várias possibilidades de arranjos afetivos e familiares, por exemplo.

Furlani (2005), também em análise sobre livros paradidáticos infantis sobre educação sexual, ressalta como a visão da sexualidade humana é muitas vezes biologizante, e esta associação entre sexualidade e reprodução serve então como forma de legitimar a lógica heteronormativa. A autora buscou então discutir e problematizar como são apresentadas referências sobre o que é considerado “normal” e “anormal” através das histórias, destacando a presença de modelos ideais de feminilidade, masculinidade, relacionamento, família, maternidade, paternidade etc., que invisibilizam, excluem e negligenciam a diversidade, de forma que, muitas crianças, ao lerem os livros, não se sentirão representadas e não terão o espaço para refletirem, discutirem e compreenderem sobre as próprias experiências.

Facco (2009), no livro “Era uma Vez um Casal Diferente – a temática homossexual na educação literária infanto-juvenil” discute como são presente diversas formas de discriminação na educação, havendo dificuldade dos educadores para lidar com as diferenças de orientação sexual, gênero, classe social, etnia etc. Discute diversas obras que abordam a diversidade e aponta a importância de discutir e problematizar o preconceito na educação infantil.

Diante do exposto, esta pesquisa qualitativa-descritiva teve por objetivo identificar e analisar os padrões de sexualidade e gênero presentes na literatura de educação sexual destinada ao público infanto-juvenil.

Método

Esta é uma pesquisa documental. A seleção dos livros ocorreu por meio de palavras-chaves em sites de livrarias virtuais elegendo-se os livros sobre educação sexual, destinados às crianças. Foram analisados 10 livros infanto-juvenis:

- Andry, A. C. & Schepp, S. (1975). *De onde vêm os bebês*. São Paulo: José Olympio.
- Benetti, S.; Ferrari, C.; Camillucci, A. (1994). *Papai e mamãe me contam tudo: educação sexual para crianças*. São Paulo: Paulus.
- Cole, B. (1996). *Mamãe botou um ovo!*. São Paulo: Ática.
- Delazeri, J. J. s.d. *O Livro dos Sexos* (Coleção Vida). Rio Grande do Sul: EDELBRA.
- Mayle, P.; Robins, A.; Walter, P. (1984). *De onde viemos? – explicando às crianças os fatos da vida sem absurdos*. São Paulo: Nobel.
- Nystrom, C. (1996). *Antes de eu nascer*. São Paulo: Ed Cristã Unida.
- Knight, J. F. (1998). *A vida começa assim*. São Paulo: Casa editora Brasileira.
- Secco, P. E. (2003). *O Bebê vem com a cegonha?* São Paulo: Melhoramentos.
- This, B. & Morand, C. (1996). *De onde venho?* São Paulo: Scipione.
- Uitgeverij, Z. (1992) *De onde vêm os bebês? – educação sexual para crianças*. Blumenau: EKO.

O procedimento de análise foi a técnica de análise de conteúdo (Bardin, 1977; Franco, 2005). As categorias foram previamente estabelecidas e todo texto foi organizado e agrupado em conjuntos temáticos. Os resultados encontrados serão descritos nas seguintes categorias: 1) Padrões de feminilidade e masculinidade; 2) Padrões romantizados: casamento e família.

Resultados e Discussão

1. Padrões de feminilidade e masculinidade.

A forte presença dos padrões normativos de gênero pode ser evidenciada pelo fato de que em quase todos os livros há menção sobre o que seria o feminino. Algumas vezes é o texto que “explica” o que é ser mulher, outras são as ilustrações. É recorrente o uso de cor rosa ou vermelho, flores, vestidos, laços de fita no cabelo para caracterizar as meninas. Algumas meninas brincam com boneca. As personagens são brancas, magras, cabelos lisos. Da mesma forma, em quase todos os livros há menção sobre o que seria o masculino. Também em algumas vezes é o texto que “explica” o que é ser homem, outras são as ilustrações. É comum o uso de azul, macacão para caracterizar as mulheres. Alguns meninos brincam de bola e carrinho ou trenzinho.

Os trechos, a seguir, ilustram os padrões de gênero explícitos nos livros:

“as meninas são feitas de açúcar, temperos, cheiro de rosas e outras coisinhas mimosas . . . os meninos são feitos de lesma, caramujo e pedaço de rabo de cachorro sujo” (Cole, 1996, p. 4-5).

“os nenezinhos-meninos logo crescem e ficam garotinhos. Eles gostam de andar de bicicleta e jogar com os amigos e comer bastante jantar . . . os nenezinhos-meninas também crescem. Elas aprendem a ler e correr e subir. Algumas meninas gostam de brincar com bonecas, elas fazem de conta que as bonecas são nenês” (Nystrom, 1983, p.8-9)

“Como você sabe, os homens e as mulheres são diferentes, não são? – São, são diferentes sim, os homens gostam de futebol e as mulheres de novela. E nós, os meninos, também somos diferentes das meninas. Nós também gostamos de futebol, e as meninas gostam de boneca!” (Secco, 2003, p.10)

“as pessoas não são todas iguais. Isso se percebe facilmente pelo aspecto exterior, pela vestimenta e até mesmo pelo comportamento e modo de ser” (Delazeri, s/d, p.2)

A imagem abaixo também ilustra os estereótipos sexuais comentados acima:



Figura 1 - Ilustrações do livro de Delazeri (s/d): representação de gênero.

Há também o reforço dos padrões normativos de beleza. As personagens são brancas, magras, com cabelos lisos. Guerra (2005) realizou a discussão sobre como os padrões relacionados à aparência são naturalizados através da análise de filmes:

As personagens femininas são jovens, com uma incrível beleza e sensualidade, com corpos perfeitos e heterossexuais. Dessa forma, tais características imputadas a homens e mulheres falam daquilo que somos, daquilo que não devemos ser e, também, daquilo que podemos nos tornar. (Guerra, 2005, pp. 50-51).

Alguns exemplos de como são reforçados os padrões relacionados à aparência:

“-E nós, as meninas, gostamos de mantê-lo [o cabelo] comprido, de penteá-lo e de colocar nele grampos, presilhas, fivelas, marias-chiquinhas e tiaras” (Benetti & Camillucci, 1994, p.14)

“daqui a alguns aninhos o seu corpo ira mudar muito, deixando de ser o corpo de uma menina, e você terá um corpo de mulher. Ai, então, eu pintarei meus olhos, meus lábios e minha unhas, não é mesmo? E irei também eu, à cabeleleireira” (Benetti & Camillucci, 1994, p.25).

“Então você precisará fazer a barba, usará roupa de gente grande e, quando terminar os estudos, procurará um trabalho, o de que você mais gostar ou para o qual já estiver preparado. – Eu gostaria de ser astronauta - disse Fabio, entusiasmado – e viajar até a lua” (Benetti & Camillucci, 1994, p.21);

“É por isso que você é um menino e se veste como um menino, Serginho- disse o pai, enquanto acariciava os cabelos do filho” (Knight, 1998, p.25)

Whitaker (1995, p.43) discute a associação que é constantemente reiterada entre feminilidade e vaidade:

Meninas são treinadas desde muito cedo para o exercício da beleza. Nada de errado, se o conceito de beleza fosse mais natural. O que se pode observar, porém, é que os maiores elogios feitos à beleza das meninas se prendem ao fato de estarem limpinhas, perfumadas ou artificialmente enfeitadas (o que implica ausência de movimento). A menina será elogiada (o que implica expressão de amor pelos adultos) pelos belos cabelos (penteados) ou pelo belo vestido (limpo e não amarrotado).

Martins (2006) em sua dissertação “Tudo Menos Ser Gorda- A literatura infanto-juvenil e o dispositivo de magreza” investigou dezoito obras da literatura infanto-juvenil com o objetivo de analisar como os livros abordavam os padrões de corpo. No material estudado os gordos foram representados de forma caricatural, em situações humilhantes e demonstrando tristeza em relação aos seus corpos e à forma como os outros os percebiam. O corpo gordo era representado como um corpo disforme, doente e feio, posicionando os sujeitos gordos como preguiçosos, desleixados e sem autocontrole. Destaca que a norma estabelecida articula magreza, beleza e saúde, associando o controle do corpo a uma questão de caráter. A análise contribui para pensarmos o quanto os livros infantis podem ser importantes transmissores dos padrões normativos vigentes.

2. Padrões romantizados: casamento e família

A reprodução é vinculada ao ideal romântico e ao casamento. Em quase todos os livros, a concepção só é explicada após apresentarem o homem e a mulher, unidos por laços de amor e o casamento. O bebê aparece sempre como algo desejável. A família aparece sempre como um casal heterossexual, tendo por formação os pais e os filhos, sendo um menino e outra menina.

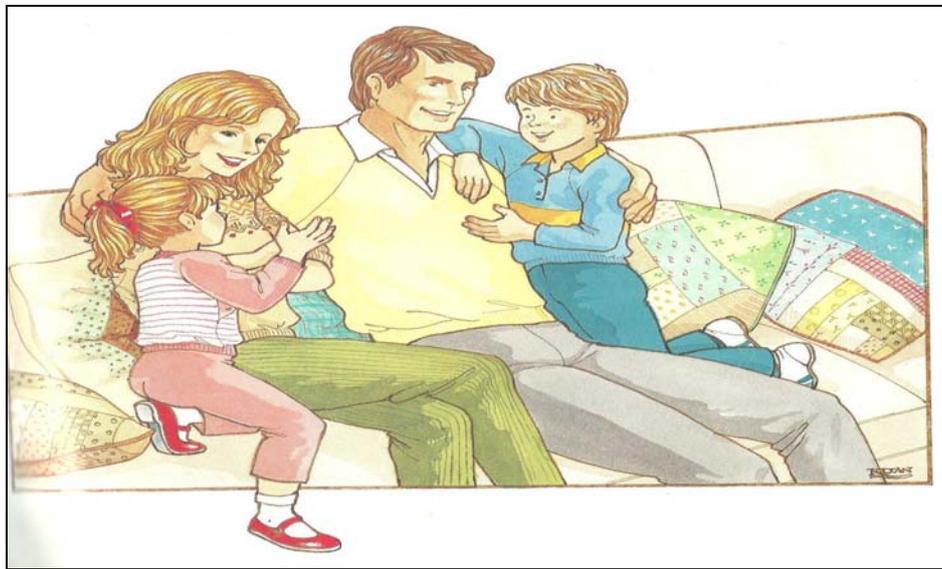


Figura 2 - Ilustrações do livro de Benetti, Ferrari, & Camillucci (1994): representação de família.

Furlani (2005) discute como nos livros paradidáticos infantis sobre Educação Sexual privilegia-se a afetividade e o "sexo por amor". Quando a relação sexual não é atrelada somente à reprodução, coloca-se o amor entre os parceiros como forma de "justificar" para as crianças que ela aconteça. Os adultos fazem sexo devido ao envolvimento, ao carinho. É

importante questionar o quanto, através dessa abordagem, algumas práticas são representadas como "autorizadas" enquanto outras se tornam invisíveis e ilegítimas.

“O espermatozóide romântico” (Mayle, Robins Walter, 1984, p.14).

“seu pai e sua mãe se amam e sentem prazer em se amar” (This & Morand, 1988, p.7).

“Quando o pai e a mãe fazem isso para criar um filho, seu ato é bem diferente do das plantas e dos animais, porque pai e mãe são duas pessoas que se amam” (Andry & Schep, 1975, p.33).

Pires (2009) e Felipe (2006) ao analisarem as representações de amor romântico nos livros infantis discutem como o amor é apresentado como uma imagem idealizada, atribuindo a ele o poder de ser capaz de resolver todos os problemas e superar todas as dificuldades que os casais venham a ter ou passar. A idéia de amor romântico, feliz, sonhador, exclui qualquer outra forma de concretização do sentimento amoroso. Sendo assim, quem não sente, não vive, não ama dessa maneira, está à margem do que é construído e creditado como ideal.

“peça para seus pais lhe contarem a história deles. Como foi que eles se encontraram, se conheceram e, depois se amaram. Como resolveram ir morar juntos, casarem-se. E, sobretudo, quando decidiram ter você.” (This & Morand, 1988, p.8)

“Quando um homem e uma mulher se amam muito, eles se casam para viverem juntos e formarem uma família . . . dentro de alguns anos, também Fabinho e Ceci estarão pensando na sua noiva e no seu noivo, repetindo-se mais uma vez esta linda história de amor.” (Benetti & Camillucci, 1994, p.10-11)

“Deus planejou que homens e mulheres viessem a se amar. É por isso que Ele fez um homem e uma mulher no começo. Quando o homem e a mulher tiverem aprendido a se amar durante algum tempo, começarão a pensar em se casar.” (Nystrom, 1983, p.13)

Furlani (2005) em sua análise dos livros paradidáticos infantil sobre Educação Sexual, destaca a presença da representação hegemônica de família, através da predominância de elementos como o amor romântico, a inevitabilidade de filhos no casamento, o sexo procriativo, a heteronormatividade, a co-habitação e a afetividade entre o casal. Privilegia-se a representação de família nuclear, sendo invisibilizadas outras possibilidades como famílias monoparentais, homoparentais, adoção, divórcio etc. Desta forma, os livros sobre Educação Sexual, ao invés de proporcionarem um espaço onde as diversas possibilidades de arranjos familiares podem ser refletidas, discutidas e compreendidas, perpetuam ideais de família, ideais de casal, ideais de relacionamentos e também a idealização dos papéis materno e paterno. Exemplos:

“Há muito tempo atrás, encontrei sua mãe e apaixonei-me por ela. Decidimos nos casar e viver juntos pelo resto de nossa vida. Deus nos deu o dom do amor e nós Lhe agradecemos por isso todos os dias. Casamo-nos no cartório e na igreja, e vivemos juntos numa mesma casa . . . Com o tempo, vocês também crescerão e se casarão, formando famílias, se reproduzirão e farão nascer lindos bebês” (Knight, 1998, p.22).

“Mas aos poucos as crianças vão crescendo e os interesses mudam, seus corpos se desenvolvem e elas se transformam em adultos. É nessa época que a maioria das pessoas se apaixonam, fica gostando muito de alguém e, então, decide, junto com essa pessoa amada, criar uma família. Mas para a família ficar completa... - Falta um bebê, ou dois, ou três, ou um

montão deles. – Isso mesmo, Pedro, falta um filho. E essa criança, tão desejada, precisa ser feita pelo pai e pela mãe, não é?” (Secco, 2003, p.15).

O casamento é visto como a única prática em que o amor se materializa, e é diretamente associado à coabitação, a monogamia e a reprodução. Os filhos são representados como a forma de efetivação da vida amorosa. Também não há a representação de casais que têm filhos antes ou fora do casamento (Pires, 2009). Facco (2009) ao discorrer sobre o forte estereótipo da família nuclear tradicional nos livros didáticos afirma que:

O reforço de uma família-padrão totalmente idealizada e impossível para a maioria das crianças brasileiras não permite a identificação e, muito menos, a discussão dos problemas sociais que as afligem, ao mesmo tempo que faz que essas famílias se sintam inferiores, já que não têm uma família como a mostrada nos livros escolares. A mensagem subentendida é: se são mostradas nos livros escolares, é porque devem ser as famílias “certas” (Facco, 2009, p. 106).

Considerações Finais

A análise dos livros reforça a idéia de que padrões definidores de normalidade, como gênero, família e reprodução estão implícita e explicitamente reproduzidos nessas “pedagogias”. As categorias analisadas vão ao encontro da literatura no que diz respeito aos estudos que também identificaram e analisaram tais padrões.

A Educação Sexual deve proporcionar espaços de discussões e reflexões de assuntos relacionados à sexualidade e garantir o respeito à diversidade (Figueiró, 2009). Já os livros de educação sexual, se constituem como artefatos da cultura, produzindo conhecimento e contribuindo para produzir identidades culturais. Em seu conteúdo é produzido e veiculado representação de masculino, feminino, de modos de agir, da sexualidade, e essas representações tem efeito de verdade (Furlani, 2008). Logo são materiais importantes para o trabalho de orientação e esclarecimento de crianças e jovens. No entanto, eles não podem ser utilizados sem uma reflexão crítica, pois podem se tornar instrumentos que mais reforçam estereótipos do que esclarecem. Uma educação sexual ideal deveria priorizar o caráter emancipatório, possibilitando a discussão e desconstruções de padrões hegemônicos.

Oliveira, A.G., Pastana, M., Maia, A.C.B. (2011) Normative standards of gender in children's books on sexual education. *Revista de Psicologia da UNESP* 10(2), 80-90.

Abstract: *The concept of gender is relational and refers to the the overcoming of the biological determinism, it has historical and cultural roots going beyond the anatomical differences between men and women. This documental research investigated patterns of sexuality and gender in sexual education books for children and teenagers. Ten books were analyzed, selected in bookstores websites. The content of the books and their illustrations show: 1) stereotypical and naturalized view of femininity and masculinity, 2) patterns of traditional and patriarchal families, 3) romanticized concept of marriage and reproduction, 4) stereotypes of beauty and "normal" body. It is concluded that sexual education books for children and teenagers reproduce normative standards that can stimulate a sexist education and should not be used in works of sexual education without critical reflection.*

Keywords: *sexuality; gender; sexual education; books.*

Bibliografia

- Camargo, A. M. F. & Ribeiro, C. (1999). Sexualidade(s) e infância(s): a sexualidade como um tema transversal. São Paulo: Moderna.
- Facco, L. (2009). Era uma vez um casal diferente: a temática homossexual na educação literária infanto-juvenil. São Paulo: Summus.
- Felipe, J. & Bello, A. T. (2009) Construção de comportamentos homofóbicos no cotidiano da educação infantil. In: Junqueira, R. D. (org) Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas.- Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Unesco, p. 141-157. (Coleção Educação para todos, vol. 32).
- Figueiró, M. N. D. (2009). Educação sexual: como ensinar no espaço da escola In: Figueiró, M. N. D (org) Educação sexual: múltiplos temas, compromisso comum – Londrina: UEL.
- Furlani, J. (2005) O bicho vai pegar! - um olhar pós-estruturalista à educação sexual a partir de livros paradidáticos infantis. Tese do doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.
- Furlani, J. (2008) Gênero e sexualidade nos materiais didáticos e paradidáticos – representação de gênero e sexualidade em livros didáticos e paradidáticos. In: Educação para a igualdade de gênero. Ano XVIII - Boletim 26 –. p. 39-42.
- Guerra, J. (2005) Dos “segredos sagrados”: gênero e sexualidade no contexto de uma escola infantil. Dissertação do mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS, Porto Alegre.
- Louro, G. L. (2003) Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes.
- Louro, G. L. (2009). Heteronormatividade e Homofobia. In: Junqueira, R. D. (org) (2009) Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. (Coleção Educação Para todos, Vol. 32, p. 85-93) Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Unesco.
- Maia, A. C. B. & Maia, A. F. (orgs) (2005). Sexualidade e infância. Cadernos Cecemca. UNESP, Bauru; Brasília: MEC.
- Maia, A. C. B. & Maia, A. F. (2009). Educação para as questões de gênero e diversidade sexual. In: Moraes, M. S. S. & Maranhã, E. A. (orgs) (2009). Educação de temas específicos. (Vol. 4). São Paulo: Unesp Pró-Reitoria de Extensão, Faculdade de Ciências. p.41-72. (Coleção Unesp-Secad-Uab).
- Martins, H. M. F. (2009). Gênero e amor romântico na turma da Mônica jovem. Trabalho de Conclusão (Especialização) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade

Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Curso de Especialização em Educação, Sexualidade e Relações de Gênero, 36 f.

- Martins, J. (2006) Tudo, menos ser gorda: a literatura infanto-juvenil e o dispositivo de magreza. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
- Pires, S. M. F. (2009). Histórias de amor para sempre, histórias de amor para nunca mais...: o amor romântico na literatura infantil. - Porto Alegre, 176 f. Tese do doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.
- Sabat, R. (2003). Filmes infantis e a produção performativa da heterossexualidade. Tese do doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.
- Whitaker, D. C. A. (1995). Menino-Menina: sexo ou gênero? In: Serbino, R. V. & Grande, M. A. R. L. (orgs). A escola e seus alunos: o problema da diversidade cultural. (pp.31-52). São Paulo: Editora da Unesp.
- Wolff, C. C. (2006) Como é ser menino e menina na escola: um estudo de casa sobre as relações de gênero no espaço escolar. Dissertação do Mestrado não publicada (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Brasil.

Recebido: novembro de 2011.

Aprovado: março de 2012.